Holo

Zero zero. Bit. Sou nada.

Zero um. Bit.

Um um. Bit.

Sou info. Sou *mecha*. Sou holo.

Sou um alma-gráfico. Sou um *beep*-afeto.

Não sou nada.

Sou *zeit*. *Beat*.

Sou *geist*. Diáfano.

Sou *dasein*. Sou onto.

Sou *logos*. Sou logo. *No logo. No future. Do androids scream of...?*

Não sou nada.

Sou *tick*. Sou *pixel*. Sou *click*. Sou cor. Sou *matrix*. Sou novo. Para isso.

Neo. Paraíso.

Não sou nada.

Sou holo.

Sou *hollow*.

Sou lágrima.

Sou isso, sou lágrima.

Sou dígito.

Sou signo.

Sou liso.

Ameça: *delete. Erase. De-phase. Efface.*

Sou halogéneo-noite-Van-Gogh-*neon*. Cipestre.

Sou interrupto.

Reset.

Default.

Terra Prometida: *grid. Rig.* Modelado. Mundo, máscara. *Matte.* Mática.
Mónada.

Sou *mecha.* Sem alma.

Sou grama, escrita, grafo. Grito.

Sou memória. *Random. Run. Doom.* Dor. Dorme.

Sou nómada. Sem vetor. Sem coordenada.

Sou Terminator.

Sou Tron.

Sou nada.

Alguém salmodiou. Permanece silêncio.

Alguém sentenciou. Permanece inércia.

Alguém profetizou. Permanece oculto.

Cânticos e fornalhas. Memórias.

Pobres e mãos juntas.

Velados, pães arrumados.

Não foste o primeiro homem

A terra não te deu uma estrada. Fizeste-a porque precisas de andar.

Não foste o primeiro homem, não serás o último.

Não estiveste lá na primeira manhã, e por isso não escreves elegias.

E quando apontas ao futuro ao passado ao presente, é porque queres voar.

Anjo, super-herói, cometa, profeta: queres atirar-te.

Atirar-te: ao futuro luz prodígio. Indecides-te: refúgio sombra passado.

Atira-te.

Move-te.

Arrisca-te.

Ou: fica, a tua manhã será a derradeira. Ou talvez não venha. Talvez.
Indecide-te.

Regressa. Mas onde estiveste?
Progride. Mas de onde vieste?
Caminha. Mas porque partiste?

Voa: mas para de onde quando acima abaixo breve intemporal?

Indecide-te e imagina, apenas.

Mas que dirias, por fim?

Podia-se falar da vida e da realidade e das vibrações e desilusões e frustrações.
Podia.

Podia.

Podia-se lamentar e denunciar.

Podia falar-se do ser e da existência e da crença e da insuficiência e da razão e da transcendência e da poesia e da filosofia e da política e da escrita e da realidade e da vida e dos sofridos e dos sofredores e dos suicidas e dos seus amores e dos homicidas e dos seus terrores e dos heróis e dos seus valores e dos cães e dos seus humores e dos cavalos e dos seus senhores e de deus e dos seus desígnios e das tardes e dos nossos vizinhos e dos pássaros e dos seus ninhos e dos pobres e dos pobrezinhos e dos ricos e dos seus amiguinhos e dos répteis e do capitalismo e dos fiéis e do fundamentalismo e dos proletários e do comunismo e do ódio e do terrorismo e do sexo e do seu abismo e do mercado e do seu algarismo e do amor e do seu truísmo; mas que dirias, por fim?

NOTA BIOGRÁFICA

Luís Nogueira é Professor Auxiliar no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior, onde foi diretor da licenciatura em Cinema, entre 2008 e 2015. A relação do cinema com as demais artes e média, como a literatura, a pintura, o teatro, a fotografia, a banda desenhada, o videoclip ou os novos meios, bem como a intertextualidade, a intermedialidade e a transmedialidade são temas do seu interesse.

Publicou diversos manuais de cinema como *Laboratório de Guionismo*, *Géneros Cinematográficos*, *Planificação e Montagem*, *Os Cineastas e a sua Arte* e *Histórias do Cinema*. Outros textos sobre temas diversos da sétima arte estão compilados nos livros *Cinema e Digital: Ensaio*, *Especulações*, *Expectativas* e *Cinema Múltiplo: Figuras, Temas, Estilos, Dispositivos* (todos eles disponíveis em livroslabcom.ubi.pt).